

Flautas de bambu e violinos entre ruídos de floresta:

O SOM DOS ÍNDIOS MBYÁ

MUSA PARADISIACA

JOSELY VIANNA BAPTISTA
FRANCISCO FARIA

Em meio à verdadeira avalanche de fatos e produtos culturais que nos cercam, é raro algo se destacar e comover nosso senso e sentidos. Foi uma boa surpresa, portanto, conhecer as gravações reunidas no CD "Paraguay: música mbyá-guarani", lançado recentemente pelo Museo del Barro, de Assunção, com apoio da Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional.

Este magnífico trabalho de registro e divulgação do patrimônio musical mbyá-guarani foi realizado pelo pesquisador paraguaio GUILLERMO SEQUERA, que desde 68 se dedica ao levantamento do repertório musical das comunidades indígenas de seu país. Hoje ele mantém um arquivo com mais de 700 horas de gravação, que coloca à disposição de pesquisadores interessados (ver endereço do Museo del Barro no box abaixo).

O CD tem 29 peças, registradas entre 85 e 90, em diversas comunidades de Caaguasu, Itapua e Kanindeju, no Paraguai, e na Ilha Filomena Grande, no Uruguai. Há gravações curiosas, como a do som de anuros (rãs) e vôo de aves, comuns nas cercanias das comunidades mbyá; da dança ritual *tangara*, acompanhada por um duo de mulheres púberes; da canção infantil *Vaka para'i* - vaquinha colorida, já publicada no Brasil na coleção *Cadernos da Ameríndia* (Tipografia do Fundo de Ouro Preto, 1996). E há o lamento de violino interpretado por Miño Benitez; o *ñembo'e mboraei* (reza cantada), em que o xamã preside uma cerimônia de luto pelo assassinato de seu filho, ocorrido dias antes da gravação.

Sem ter notícia de empreitadas similares, Sequera vem realizando um trabalho pioneiro e essencial, cujo resultado é uma "cosmofonia mbyá - ordenamento cultural dos sons".

O pesquisador paraguaio lamenta que na América Latina "os centros de pesquisa e as universidades não dêem maior crédito à importância socioeconômica e cultural que constituem as tradições musicais", frisando que o único país que se empenhou em pesquisas sobre a contribuição afro é Cuba: "não existe país africano que o supere em quantidade e qualidade". Ele acredita numa revalorização de identidades particulares nesta época de crescente globalização, destacando a "localização" como um campo de resistência: "nós, os sul-americanos, deveríamos nos empenhar em difundir, pesquisar, trabalhar com as comunidades culturais indígenas. Não há outro caminho para a solução de seus problemas a não ser a solidariedade cultural". Nesse sentido, ele vê a divulgação da música indígena como um possível pólo de aproximação, conhecimento e maior entendimento das diferenças.

O artista plástico Osvaldo Salerno, coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa (C.D.I.) do Centro de Artes Visuais do Museo del Barro, lembra que a edição do CD "Paraguay: música mbyá-guarani" dá continuidade a um projeto de registro e divulgação de culturas rurais e indígenas, que

"pretende assegurar um espaço para as vozes diferentes e promover um melhor conhecimento da pluriculturalidade do Paraguai". (A propósito, foi o mesmo C.D.I. que editou um outro trabalho de Guillermo - a gravação da Banda Peteke-Peteke de Yaguarón.)

Musa paradisiaca apresenta hoje a tradução de um excerto do estudo de Sequera intitulado "Paraguay: música mbyá-guarani", em que ele nos fala da cultura e da identidade musical dessa etnia, e também uma entrevista exclusiva na qual abordamos, entre outros temas, a relação interativa do mundo sonoro natural com a cultura mbyá, a relação das crianças e jovens com o legado musical de seu povo, o papel de homens e mulheres na composição e interpretação de peças rituais. Sequera comenta, ainda, a criativa atitude "antropofágica" dos indígenas diante da cultura trazida pelos missionários europeus, a influência da música mbyá no cancioneiro paraguaio, e adverte: "O modelo de desenvolvimento atual e, fundamentalmente, a corrente neoliberal, tende ao extermínio dos indígenas, em curto espaço de tempo".

As fotos que ilustram esta matéria foram feitas pelo próprio pesquisador durante o trabalho de campo.

Josely Vianna Baptista



"Ka'aguy gua pe guarã. Kyryngue'i pe guarã katutei!"

PARAGUAY: MÚSICA MBYÁ-GUARANI
GUILLERMO SEQUERA

A CULTURA

Os Mbyá constituem uma das sociedades autóctones associadas a etnias Guaraní-Tupi dotadas de maiores particularidades específicas. Imagina-se que sua localização originária tenha sido nas áreas da bacia do médio Paraná (Guaira-Caaguasu). As fontes etnográficas - desde meados do século XVI - não fazem referência explícita a esta etnia. Tampouco a mencionam os textos posteriores de cronistas ou missionários, que a englobam na definição de "tribos guarani", *caiguas*, ou *kyrygua*, chegando, às vezes, a classificá-la, de modo depreciativo, como "baticola".

Sua imensa criatividade como grupo humano e sua alta capacidade de adaptação a contextos culturais, sociais e econômicos permitiu aos Mbyá configurar uma forte unidade de identificação (língua, cosmovisão, técnicas, conhecimentos) e alcançar um dinamismo - muito imaginativo - na assimilação de dispositivos, utensílios, expressões ou rituais extraculturais. Outra prova disso é seu impulso migratório para regiões com significativas diferenças biogeográficas. Os Mbyá constituem a etnia de maior dispersão nos países do Mercosul (Paraguai, Argentina, Brasil, Uruguai).

Sua longa experiência viajante indica uma defesa original da multiculturalidade, contrariando a má fama de serem considerados como os indígenas que desenvolveram a "ideologia da rejeição aos outros". As histórias regionais ou transfronteiriças embasaram a fisionomia cultural dos Mbyá. A autodenominação gentílica é definida por *ka'aguygua* (habitantes da floresta), embora algumas comunidades culturais se chamem *Mbyá-Guarani*, *Mbyá-Apytere* (gente verdadeira), ou *Jeguakava tenonde porãngue'i* (os adornados que terão bem-estar). Esta etnia baseia seu modo de subsistência na caça, coleta, pesca e agricultura, apesar do despojo brutal dos bosques operado nos últimos anos sobre seus habitats tradicionais. Não devemos subestimar o fato de que o impacto cultural expansivo destes indígenas no Paraguai é muito maior que o de outros grupos étnicos, embora estes contem com maior índice populacional. Por isso, apesar dos embates históricos (relação desigual com a sociedade nacional), os Mbyá puderam demonstrar sua alta capacidade de fazer interagir, com certa relatividade, tradição e "modernidade". Os *ka'aguy gua* foram vítimas do despojo de seus territórios de origem, desde o século XVI. As comunidades, hoje, estão disseminadas por quase todos os departamentos de Amambay e Central, compartilhando territórios com outras etnias (Pa'i Tavytera, Ava Katuete); salvo no departamento de Itapúa, Guaira e Caaguasu e Misiones, onde os *ka'aguy gua* se vêem "sozinhos", para lutar contra a pressão de um modelo de desenvolvimento que se aventura num sistema de exclusão da diversidade cultural.

IDENTIDADE MUSICAL

O conceito mbyá do som se origina em *andu*, perceber a biodiversidade do mundo natural, e construir através da palavra *ayva*, música vocal e discurso instrumental. Os animais podem cantar (*para'i*), falar (*ñe'e*), emitir sons (*tombota*), bufar (*ovaha*), rugir (*okórora*), uivar (*oguhu*). A percepção parte do silêncio (*kíriri*), e chega ao estrondo do raio (*ara sunu*). A representação social se manifesta numa variedade de formas e técnicas: estas estão vinculadas a rituais, danças, corais, e a uma apropriação mbyá da experiência intercultural. É justo falar de uma cosmofonia mbyá - ordenamento cultural dos sons. Ouvir a música dos Mbyá é recostar nossos ouvidos naquilo que nos foi negado: reconhecer sua grande capacidade criativa e, também, ouvir as marcas sonoras de nossa memória cultural.

(Tradução de Josely Vianna Baptista)



"COSMOFONIA MBYÁ: O ORDENAMENTO CULTURAL DOS SONS"
Entrevista com Guillermo Sequera, pesquisador pioneiro do patrimônio musical indígena

Josely Vianna — Guillermo, você afirma que o conceito mbyá do som se origina em "andu" — "perceber a biodiversidade do mundo natural". Poderia nos falar mais detalhadamente sobre essa origem da música mbyá?

Guillermo Sequera — Como ocorre com toda cultura de base oral, a música dos Mbyá se fundamenta principalmente numa auscultação do entorno sonoro, e sob essa experiência interativa, em todo o tempo e o espaço percorridos pelos Mbyá - que nos mostram, hoje, um edifício musical de práticas vocais e instrumentais de um colorido surpreendente. Sobre as origens: seria difícil situar o "momento histórico possível de origem", pois deveria ocupar-se disso, algum dia, uma equipe de pesquisa de múltiplas disciplinas - disciplinas que dêem conta de analisar, comparar e datar esses momentos. É uma tarefa extremamente necessária. Mas, por outro lado, os relatos míticos - que constituem referências metafóricas de sua própria história - nos revelam uma série de "justificativas" que permitem esclarecer a importância do *andu* (escutar), *ñe'e* (falar), *ambopu* (tocar), *mboraei* (cantar). Tudo isso constitui o que prefiro denominar uma "cosmofonia mbyá", ou seja, uma idéia sobre o conceito do mundo e da relação dos sons com as coisas, e os seres, na cultura mbyá.

Josely — Várias das gravações do CD trazem a vocalização de anuros (rãs). O recurso aos sons da natureza teria alguma função mágica na música mbyá?

Sequera — Não é nada fácil realizar um CD sobre música indígena e provocar, naquele que escuta, prazer, respeito, admiração e até interesse... Esse foi o propósito de sua realização. Não sei se foram cumpridos plenamente... Mas, em primeiro lugar, devo assinalar: a cultura dos Mbyá-Guarani é a cultura da água, como o leite líquido que une e fundamenta sua vida, seus desejos, sua imaginação. Por isso o CD começa com as crianças brincando na água. Também ouvimos os cantos de rãs entre faixas: estes foram registrados nos arredores das comunidades mbyá. Ou seja, a inclusão desses "efeitos" não foi fortuita, nem decisão caprichosa do pesquisador. Lembramos que, como é próprio das sociedades autóctones, os animais, os vegetais ou os fenômenos naturais têm forte impacto em suas manifestações culturais, e esse é o caso dos Mbyá. E, enfim, quem ouve o CD pode também colocar-se a questão: se a água é importante para os Mbyá, que conseqüências negativas a usurpação brutal de suas águas lhes causou? O que aconteceu com os Mbyá, habitantes milenares de várias áreas onde foram construídos os megaprojetos Itaipu e Yacyreta? O que vai acontecer com os Mbyá se o projeto da Hidrovía chegar a se concretizar? Conhecendo muito bem a situação dos Mbyá no Paraguai, sei que eles, hoje, não dispõem nem de água potável...

Josely — Que aspectos formais se destacam na música mbyá?

Sequera — A diversidade de técnicas, expressões e dispositivos utilizados pelos Mbyá e vinculados a seus ciclos de vida. Através de suas diferentes formas e expressões, a música ritma, ordena, compõe o calendário vegetal (agrícola e florestal), que se relaciona também à subsistência (coleta, caça, pesca, agricultura); mas, sob outro aspecto, liga-se também a todas as atividades religiosas (danças, cantos-orações). O que me impressionou, ainda, nos Mbyá, foi sua capacidade de adotar instrumentos estrangeiros, como a rabeca (violino do medievo europeu), e a guitarra do renascimento espanhol. Os Mbyá expropriaram-nos dos brancos, provavelmente dos jesuítas... Com estes instrumentos e aparelhados com seus instrumentos tradicionais, os Mbyá passaram a representar figuras coreográficas. E criaram, também, um repertório rico e diverso.

Josely — Qual o impacto, na cosmofonia mbyá, do contato com os europeus?

Sequera — Uma cultura que se isola de todo contato é uma cultura pobre. Existem casos de sociedades que se isolaram completamente, partindo de uma "pureza", para que não fossem "contaminadas", e acabaram no fanatismo e na autodestruição... Não é o caso dos Mbyá. Apesar de eles terem má fama literária de "fechados", isso é um estereótipo, e conseqüência de um desconhecimento primordial dessa cultura. O material coletado demonstra o contrário: os Mbyá constituem uma sociedade que não teve medo da interculturalidade, e, além disso, os Mbyá-Guarani

contribuíram muitíssimo para a identidade do Paraguai atual!! Os Mbyá foram suficientemente cuidadosos e criativos para adotar gestos, frutos, técnicas, utensílios, animais, instrumentos de música e até o léxico que pudesse fortalecer suas próprias instituições e meios de subsistência.

Josely — A música mbyá tem influência, sob algum aspecto, na música paraguaia atual?

Sequera — Creio que, de um modo ou de outro, os Mbyá exercem, com os Avá Chiripa e os Pa'i Tavytera, uma forte influência na música camponesa do Paraguai. Primeiro, a língua - e esta como suporte para o canto, o fraseado musical e melódico. Tampouco devemos subestimar sua influência no repertório temático do cancionero paraguaio, salvo no tratamento lírico do amor, que imagino estar mais próximo do romanceiro espanhol que da sensualidade mbyá. Mas permita-me destacar um fato:

intuo que a "ternura" como atitude indígena de oferta está muito presente na expressão da língua guarani. Os Mbyá são em grande parte responsáveis pelo aporte da ternura à identidade coletiva. Pode parecer que estamos nos esquecendo da música, mas não; na música mbyá a ternura cultural é fonte de inspiração e expressão.

Josely — A divisão sexual no fabrico de instrumentos musicais e em sua execução obedece a rituais da sociedade mbyá? Há temas específicos para as mulheres, por exemplo?

Sequera — Não é exagero apontar uma divisão sexual de papéis na cultura mbyá. Por exemplo, às mulheres compete fabricar e executar com alguns "tubos", ou *mimby pu*, um repertório muito variado e executado em duo: uma leva a linha melódica e a que acompanha interpreta o "bordão". Elas também produzem e percutem bastões rítmicos, em figuras de danças sagradas *tangara*. No chamanismo mbyá, *ande chi miri* compartilha altas responsabilidades religiosas, como aquelas que se referem à produção, conservação e difusão do repertório em rezas-cantos. O papel feminino, ora na reabilitação, ora na manutenção da herança sonora e em sua difusão, constitui um fator preponderante a ressaltar. Neste caso, a responsabilidade das mulheres na construção de certos instrumentos, como aerófonos e bastões, por exemplo, equipara-se às responsabilidades masculinas para com o *mby'epu ovava'e* (tambor) e os cordofonos (arco, rabeca, viola do renascimento espanhol).

Josely — Existe alguma hierarquia nessa divisão?

Sequera — Sim. Por exemplo, os xamãs de maior hierarquia (*kyry'ija tenonde*) e seus xamãs-assistentes (*kyry'ija*) são os que fabricam e interpretam certos instrumentos como as maracas (*mbaraka miri*). O mesmo ocorre em relação à interpretação e às funções do repertório vocal, que por um lado é feminino, e paralelo ao masculino. Minhas pesquisas sobre o caso não me permitem avançar sobre uma dominância masculina, creio que são aspectos diferentes. É preciso mencionar que a sociedade dos Mbyá se fundamenta em dois pilares hierárquicos principais: a estrutura política e a estrutura religiosa, das quais se desprende de maneira interdependente a representação da cultura musical.

Josely — Ouvindo o CD, encantou-me o rico jogo polifônico de uma das peças, em que as crianças cantam em contraponto a vozes de adultos. Como os jovens e as crianças interagem com o legado cultural de seu povo?

Sequera — O repertório musical infantil é muito importante para os Mbyá, e nele a relação materna-infantil constitui a referência primeira na prática musical da ternura, à qual nos referimos antes. Os jovens, meninas ou meninos, também participam ativamente do legado musical mbyá. A aprendizagem de rezas-cantos se dá por repetição, e pela interpretação vocal, naturalmente. Um outro aspecto que desejo ressaltar: na coleta científica geralmente se subestima o papel cultural desempenhado pelas crianças e pelos jovens. Neste CD se integraram, em várias faixas, a participação vocal de crianças e jovens Mbyá. O CD é dedicado a eles, pois seu próprio futuro cultural depende, e muito, deles.

GUILLERMO SEQUERA (Assunção, 1948), realizou estudos de música e etnologia na França. Desde 68 trabalha no registro e divulgação do patrimônio musical mbyá-guarani e de outras comunidades indígenas no Paraguai. Membro da Associação Francesa de Etnomusicologia (que desenvolve pesquisas pioneiras sobre a tradição oral da Ásia, África, Oceania, Oriente Médio e América Latina), Sequera é autor da primeira enciclopédia de técnicas vocais xamânicas, resultado de seu trabalho realizado junto aos Chamacocos do alto Paraguai. A enciclopédia foi editada em 96 pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, em colaboração com o Museu do Homem, de Paris. Sequera trabalha também numa entidade, da qual foi um dos fundadores, em 90 - AXIAL - Natureza e Cultura -, dedicada a "pesquisar, capacitar e realizar ações participativas com os indígenas na recuperação e proteção dos patrimônios culturais e naturais". Atualmente, a pesquisa abrange mais de 30 comunidades mbyá no Paraguai.

Seu acervo particular, com mais de 700 horas de gravação de música indígena, que vem sendo organizado desde 68 praticamente com recursos próprios, é colocado agora por Sequera à disposição dos pesquisadores interessados. O intercâmbio pode ser feito através do MUSEO DEL BARRO: Calle Grabadores del Cabichu, entre Enteterio Miranda e Ricardo Boettner, Bairro Isla de Francia, Assunção, Paraguai. e-mail: museobarro@quanta.com.py / Telefax: 607 996.

Paraguay: música mbyá-guarani

CD com 29 gravações, registradas entre 85 e 90, em diversas comunidades de Caaguasu, Itapua e Kanindeju, no Paraguai, e na Ilha Filomena Grande, no Uruguai. Realização: Guillermo Sequera. Edição: Centro de Documentação e Investigaciones/Centro de Artes Visuales Museo del Barro (Coordenador: Osvaldo Salerno). Apoio: A.S.D.I.-Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional. É possível adquirir o CD entrando em contato com o Museo del Barro (ver endereço no box acima).

